



» Entrevista | **ÁNGEL ALONSO ARROBA** | VICE-REITOR DE GESTÃO E DESENVOLVIMENTO DA IE ESCOLA GLOBAL DE RELAÇÕES PÚBLICAS

“Estamos próximos de uma crise sem precedentes”

Para o professor, a grande questão é saber se a Otan optará por um modelo construtivo ou se reforçará o confronto em um mundo que sofre com a disparada da inflação e da miséria. Alonso diz que a Rússia é um regime corrupto e cleptocrata

» VICENTE NUNES
CORRESPONDENTE

Lisboa, Portugal — A cúpula da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), grupo bélico que agrega os principais países do Ocidente, se reúne em Madri, na Espanha, entre terça e quinta-feira, com o objetivo de mostrar unidade e força ante a Rússia e a China, vistas como ameaças à ordem global. Os temas principais do debate serão a invasão russa à Ucrânia e o boicote imposto ao país de Vladimir Putin. Mais do que dar uma demonstração de força, a Otan tentará curar suas feridas e reforçar a visão de que, mesmo com o fim da Guerra Fria, sua existência ainda é justificada.

Na avaliação do professor Ángel Alonso Arroba, vice-reitor de Gestão e Desenvolvimento da IE Escola Global e Relações Públicas, a firmeza da Otan será fundamental para evitar que o mundo seja condenado a nova onda revisionista, em que os países fortes pensam que têm carta branca para modificar fronteiras à vontade ou criar regimes fantoches na sua periferia.

Para ele, “a invasão russa de um país soberano, em flagrante violação da Carta das Nações Unidas, é de responsabilidade exclusiva do atual regime em Moscou”. E acrescenta: “Se você me pressionar, direi que tem mais a ver com a sobrevivência de um regime corrupto e cleptocrata do que com um verdadeiro espírito nacionalista ou imperialista, que nada mais é do que um álbi que Putin usa para se agarrar ao poder”.

Apesar de reconhecer a relevância da Otan, o vice-reitor da IE diz que a entrada da organização na guerra da Ucrânia seria desastrosa não apenas para a Europa, mas para toda a humanidade. Ele chama a atenção para as graves consequências do conflito para a população mais pobre, obrigada a conviver com a inflação altíssima por causa da disparada dos preços dos alimentos e da energia elétrica. “Estamos diante de uma crise humanitária sem precedentes”, adverte.

A seguir, os principais trechos da entrevista de Ángel Alonso ao **Correio**, na qual ele também enfatiza o perigo do crescimento da extrema-direita mundo afora: “As vezes, é difícil pensar que a polarização que já vivemos pode se tornar ainda mais pronunciada, mas, infelizmente, penso que é muito provável que vejamos uma radicalização maior e que a extrema-direita continue a ganhar terreno”.

Qual será o papel da Otan neste mundo de forte divisão e com conflitos cada vez mais constantes?

Não há dúvida de que o papel da Otan ganhou relevância num contexto internacional cada vez mais complicado e turbulento, e é muito provável que continue a fazê-lo. Infelizmente, caminhamos para um mundo mais geopolítico, em que a segurança e a defesa ganham peso, na agenda internacional, em relação à economia e ao comércio, que têm sido a espinha dorsal das relações internacionais nos últimos 30 anos. As alianças militares e de defesa de natureza intergovernamental, como a Otan, são chamadas a desempenhar um papel maior. A chave será se esse papel será construtivo e dissuasivo ou se reforçará o confronto, criando maior tensão. Parte da resposta está com a própria Otan e como ela administra a situação atual, mas outra parte também está com os países

não-membros e como eles percebem esse fortalecimento quantitativo e qualitativo da organização.

Acreditava-se que a Otan havia perdido sentido com o fim da Guerra Fria. Por que se insiste nesse modelo?

O fim da Guerra Fria abriu oportunidade para melhorar a governança global que, infelizmente, não se concretizou. Pensava-se que a expansão da ordem liberal, por meio da democracia e do comércio internacional, levaria a uma pacificação gradual das relações internacionais. Ao mesmo tempo, houve uma reafirmação das instituições que formaram a espinha dorsal da ordem global após o fim da Segunda Guerra Mundial, por meio da incorporação de grande parte do antigo bloco soviético, assim como as do mundo emergente e em desenvolvimento. A velha ordem foi reforçada por meio de pequenos ajustes e remendos, que não a atualizaram para enfrentar os desafios da globalização. Insiste-se no modelo da Otan porque não há outro em termos de defesa, ao menos para os países ocidentais. A União Europeia tem sido incapaz de propor seu próprio esquema autônomo em termos de segurança. Vivemos num contexto de urgência, e a única salvação é reforçar os mecanismos de colaboração existentes.

As ambições da Otan estão por trás dos conflitos entre a Rússia e a Ucrânia? Por quê?

Acho errado atribuir a uma suposta ambição expansionista da Otan à trágica guerra na Ucrânia. A invasão a um país soberano, em flagrante violação da Carta das Nações Unidas, é de responsabilidade exclusiva do regime de Moscou. E, se você me pressionar, direi que tem mais a ver com a sobrevivência de um regime corrupto e cleptocrata do que com um verdadeiro espírito nacionalista ou imperialista, que nada mais é do que um álbi que Putin usa para se agarrar ao poder. Putin mostra que não respeita o direito internacional e a soberania. Os ucranianos são livres para escolher seu destino e seu futuro, como qualquer povo deveria ser. É verdade que a Otan poderia ter tido uma posição mais clara e menos ambígua em relação à sua possível expansão para o Leste.

Até onde vai o papel da Otan ante a guerra entre a Rússia e a Ucrânia?

Não há dúvida de que o papel da Otan é muito relevante no contexto atual. A firmeza da organização será fundamental para evitar que sejamos condenados a uma nova onda revisionista a nível global, em que os países fortes pensam que têm carta branca para modificar fronteiras à vontade, ou criar regimes fantoches na sua periferia. Ao mesmo tempo, a Otan precisa ter cuidado para evitar a escalada e a internacionalização do conflito, o que teria consequências catastróficas. Espero que a Cúpula de Madrid sirva para que a Otan lance uma mensagem firme, mas, ao mesmo tempo, não beligerante.

O que significaria a entrada da Otan no conflito?

A entrada da Otan teria consequências imprevisíveis. A estratégia de continuar a apoiar o Exército ucraniano, sem entrar diretamente no conflito, é o caminho a seguir pela Otan, provavelmente redobrando os esforços e enviando equipamento militar muito necessário para a resistência ucraniana.

IE School/Divulgação



A firmeza da Otan será fundamental para evitar que sejamos condenados a uma nova onda revisionista a nível global, em que os países fortes pensam que têm carta branca para modificar fronteiras à vontade, ou criar regimes fantoches na sua periferia”

A mensagem política a ser enviada na próxima cúpula em Madri, com a participação confirmada do presidente Volodymyr Zelensky, também é muito importante. O ponto-chave é que, se o compromisso da Otan com a Ucrânia tivesse sido firme antes da invasão, é muito provável que a invasão não ocorresse. Devemos nos afastar de cenários que preveem a entrada da Otan na guerra, mas, em vez disso, optar por um apoio forte e decisivo à Ucrânia e à perspectiva de proteção a longo prazo. É inaceitável que um país invadido outro no século 21. É aqui que a Otan e a comunidade internacional devem ser firmes.

Há reais justificativas para que países como Suécia e Finlândia se unam à Otan? Por quê?

Certamente. Se fosse finlandês ou sueco e tivesse visto o que aconteceu na Ucrânia, não há dúvida de que estaria batendo à porta da Otan. Vemos isso na dramática reviravolta da opinião pública nesses países, no que se refere ao apoio à adesão à Otan. A Suécia e a Finlândia tinham renunciado à adesão à organização militar devido a compromissos históricos e a uma equidistância que seguia uma lógica quebrada em 24 de fevereiro pela invasão russa à Ucrânia. É preciso recordar que a Rússia tinha se comprometido a respeitar a soberania e a integridade territoriais

ucranianas em 1994, com o Memorando de Budapeste, quando Kiev renunciou ao seu arsenal nuclear. Moscou demonstrou que não respeita as regras internacionais e, no atual cenário, é lógico que a Suécia e a Finlândia procurem a proteção preventiva conferida pela adesão à Otan e o escudo protetor oferecido pelo famoso Artigo V do Tratado do Atlântico Norte. Se a Ucrânia tivesse sido membro da Otan, Moscou não teria invadido o país.

O senhor crê na possibilidade de os conflitos, hoje restritos à Rússia e à Ucrânia, ultrapassarem as fronteiras atuais?

Vivemos num contexto internacional muito volátil, e não devemos descartar qualquer cenário. O que temos de fazer é trabalhar ativamente para que as perspectivas mais dramáticas não se concretizem, e não há dúvida de que uma expansão do conflito na Ucrânia para além das fronteiras daquele país seria catastrófica, não só para a Europa, mas para toda a humanidade. Não creio que isso vá acontecer, e espero que não aconteça, porque uma escalada do conflito levaria a uma guerra planetária.

Países como a Alemanha voltaram a investir pesadamente em armas? Isso é justificável num mundo onde as questões sociais estão latentes?

É uma visão muito pessoal. Não apoio o aumento das despesas militares como resposta à guerra. Há um compromisso dos membros da Otan de gastarem 2% do PIB com defesa, e a Europa tem ficado para trás. Washington tem condenado o parasitismo europeu, mas acho obsceno que pensemos em armas quando o mundo luta contra a pobreza e a fome. Cada dólar gasto em munições é um dólar que não gastamos na educação, na saúde, na alimentação e em serviços básicos para os muitos que precisam, desesperadamente, de oportunidades. Os países deveriam gastar melhor na defesa, investir na diplomacia e no desenvolvimento econômico e humano. Veríamos o nível de tensão e conflito diminuir.

Há recursos no mundo para suportar as consequências desastrosas de uma guerra mais ampla e prolongada?

A questão não é se existem ou não recursos financeiros, mas se

temos a capacidade para resistir a uma grande e prolongada guerra. É claro que as economias sofrem muito com a situação atual, uma crise que se soma às dificuldades que enfrentamos desde o início da pandemia. Vemos a inflação, que atinge as condições de vida de muitas famílias, mas também a escalada dos preços da energia e das matérias-primas e, muito mais preocupante, a crise alimentar. A conta será enorme, como já vemos. A questão é o quanto as coisas podem piorar nos próximos meses devido a essas dinâmicas.

A disparada da inflação e o aumento da pobreza, agravados pela guerra, além da consequente alta dos juros mundo afora, fazem parte de um movimento duradouro?

Infelizmente, a inflação e o aumento dos preços dos alimentos terão um efeito duradouro. A guerra na Ucrânia acelerou um processo que se arrasta há muito tempo, e que tem a ver com problemas mais profundos na economia global. O que estamos vendo é um aprofundamento desses efeitos, o que pode conduzir a uma crise humanitária sem precedentes. A minha estimativa é de que a guerra na Ucrânia não será tão prolongada como muitos pensam, pelo menos não com o grau de intensidade que temos visto. Penso que caminhamos para uma localização do conflito no Donbass (leste), com uma intensidade semelhante à que temos observado desde 2014. Os efeitos econômicos serão muito mais profundos e duradouros devido à combinação de inflação com estagnação, bem como à crescente fragmentação das cadeias de valor globais.

A guerra acelerou o fim da globalização, quadro que já vinha se desenhando durante a pandemia. Esse movimento é irreversível? Por quê?

Não creio que nada seja irreversível, mas não há dúvidas de que vivemos um período em que a globalização sofre muito. Vemos sinais claros não só de exaustão, mas também de inversão em várias áreas. A pandemia fez parar o processo de globalização: de um dia para o outro, alterou tanto a oferta quanto a demanda globais, e levou a um repensar da dependência de muitos países. Daí que o

conceito de autonomia estratégica tenha surgido como novo mantra. Não há dúvida de que a guerra fragmentou ainda mais o nosso mundo em blocos, agora marcados pela defensiva e pelas diferenças políticas. É importante estar atento a questões como a resiliência, que tínhamos sacrificado em prol do mercado, bem como o impacto ambiental da globalização.

Que forças vão emergir deste mundo menos globalizado?

Penso que vamos assistir à aceleração e ao aprofundamento de forças que já estão presentes, mas que vão assumir uma nova face. Continuaremos a ver forças centrífugas que usaria descrever como prejudiciais para o bem da humanidade, tais como o nacionalismo de exclusão e a supremacia, que tendem a exigir um regresso a um passado idealizado e fictício, que é falso. Defenderão o fechamento das fronteiras, um certo estatismo e um regresso a um sistema internacional menos baseado na cooperação e regido pela lei do mais forte. Mas creio que também assistiremos a um ressurgimento de novas ideias e forças centrípetas que encorajam uma maior e melhor integração da governança global.

Que papel terão os Estados Unidos neste mundo novo?

Será, sem dúvida um papel central, pois os EUA continuam a ser a grande potência hegemônica. A questão é se será um papel construtivo ou não, e muito dependerá do futuro da política interna do país. Teremos de assistir com particular interesse às próximas eleições legislativas em novembro, que determinarão a real capacidade de manobra do presidente Joe Biden, e claro, as eleições presidenciais dentro de dois anos. Acredito na capacidade dos EUA de serem uma força para o bem nos próximos anos e que muito do segmento mais progressista do país compreendeu a necessidade de abordar as relações internacionais de uma perspectiva mais humilde e inclusiva.

Veremos um mundo mais polarizado, com a extrema-direita ganhando terreno? Quais são as consequências disso?

As vezes, é difícil pensar que a polarização pode se tornar ainda mais pronunciada, mas, infelizmente, penso que é muito provável que vejamos uma radicalização maior e que a extrema-direita continue a ganhar terreno, tanto a nível político e governamental, quanto do debate público. A tragédia dos últimos anos é precisamente que a presença da extrema-direita no poder se normalizou, e que também tem usado essa posição para reduzir gradualmente as liberdades e tornar aceitável para uma grande parte da população o que anteriormente era inaceitável: racismo, misoginia e sexismo, homofobia, ataques à laicidade do Estado, etc.

É possível ser otimista neste contexto de tanta turbulência?

É preciso ser otimista. Um mundo melhor não se constrói a partir do pessimismo. É nos momentos mais adversos que o ser humano traz à tona o melhor de si mesmo, e nos quais temos que repensar o mundo. Tenho confiança nas gerações futuras e creio que vivemos um momento de oportunidade, em que podemos corrigir muitos dos erros e deficits na governança global que nos levaram à situação atual.